



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CAMPUS II – AREIA-PB  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**EWERTON FREIRE RODRIGUES**

**INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: POR QUE DIVERSIFICÁ-LOS?**

**AREIA  
2020**

**EWERTON FREIRE RODRIGUES**

**INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: POR QUE DIVERSIFICÁ-LOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

**Orientadora:** Profa. Dra. Maria Betania Sabino Fernandes

**AREIA  
2020**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catálogo e Classificação**

R696i Rodrigues, Ewerton Freire.

Instrumentos avaliativos: por que  
diversificá-los? AVALIATIVOS: POR QUE DIVERSIFICÁ-LOS? /  
Ewerton Freire Rodrigues. - Areia: UFPB/CCA, 2020.  
50 f. : il.

Orientação: Maria Betania Sabino Fernandes.  
Monografia (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Avaliação qualitativa. 2. Instrumentos avaliativos.  
3. Aprendizagem. I. Fernandes, Maria Betania Sabino.  
II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 573(02)

**EWERTON FREIRE RODRIGUES**

**INSTRUMENTOS AVALIATIVOS: POR QUE DIVERSIFICÁ-LOS?**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

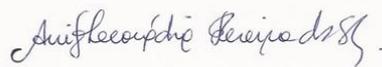
Aprovado em: 15/02/2020.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Maria Betania Sabino Fernandes  
Orientadora DCFS/CCA/UFPB



---

Profa. Dra. Anita Leocádia Pereira dos Santos  
Examinadora DCFS/CCA/UFPB



---

Profa. Dr. Péricles de Farias Borges  
Examinador DCFS/CCA/UFPB

Dedico esse trabalho especialmente aos meus pais, Ednaldo de Lima Rodrigues e Ivone Freire Rodrigues, e a todos os meus amigos e familiares pelo apoio e confiança nesses anos de estudos.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a deus, por tudo que me concedeu em toda a minha trajetória, e a todas as pessoas que fizeram parte da minha caminhada.

Agradeço a minha família, especialmente a minha mãe, Ivone Freire Rodrigues, e ao meu pai, Ednaldo de Lima Rodrigues, por todo esforço que fez para me manter estudando durante esses anos ao qual foi fundamental para o sucesso dessa realização.

As minhas irmãs, Ana Paula Freire Rodrigues e Islane Freire Rodrigues, por sempre acreditarem em mim.

A professora Betania agradeço imensamente, pelos conselhos, ensinamentos e compreensão em todos os momentos de brilhantes orientações.

Ao Programa de Residência Pedagógica deixo meus sinceros agradecimentos, ao qual me acompanhou em quase todos os momentos em sala de aula, permitindo um contato maior e com a minha futura profissão.

Ao meu Preceptor, Raphael Cavalcante, agradeço imensamente as orientações e ensinamentos.

E aos orientadores da residência pedagógica, Professor Mario Luiz Farias Cavalcante e professora Andréia de Souza Guimarães, agradeço pela paciência e orientações em todas as reuniões.

Agradeço a escola Estadual de Ensino Dr. Cunha Lima no município de Remígio – PB, que sempre foram solidários e acolhedores em todos os momentos em que estive na escola. Em especial os funcionários da escola,

Agradeço ao Departamento de Ciências Biológicas, igualmente, à Coordenação de Ciências Biológicas, que sempre foram responsáveis para resolver qualquer problema do curso.

Ao Centro de Ciências Agrárias (CCA), que se tornou minha casa durante minhas semanas de estudos.

A todos os professores que tive o prazer de presenciar o profissionalismo e a responsabilidade de ser um docente.

**A educação não transforma o mundo.  
Educação muda as pessoas. Pessoas  
transformam o mundo.**

**(Paulo Freire)**

## RESUMO

As avaliações estão presentes diariamente na vida das pessoas. Dentro da escola, ela se manifesta o tempo todo, principalmente em sala de aula entre a figura do professor que aplica as notas e aos alunos que a recebem. Na área de Ciências Biológicas, os professores possuem variados assuntos que podem ser trabalhados de diferentes formas. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi analisar a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos no ensino básico e os métodos utilizados para avaliar os alunos. Todos os participantes da pesquisa são professores (a) da rede pública de ensino dos municípios de Areia, Alagoa Grande, Caicó (RN), Esperança, Guarabira e Remígio, graduados em Ciências Biológicas e atuam ensino fundamental II e ensino médio, foco da nossa pesquisa. Devido à pandemia da covid-19, a coleta de dados foi realizada de forma On-line, com aplicação de um questionário virtual com onze perguntas abertas sobre sua identificação, concepções e uso de instrumentos avaliativos em sala de aula. Com a análise do questionário pudemos perceber o uso frequente de instrumentos avaliativos tradicionais como provas convencionais nas aulas para avaliar a aprendizagem dos alunos, porém foi citado o uso significativo de instrumentos avaliativos diversificados como: jogos, debates, autoavaliação e feedback. Para o uso diversificados dos instrumentos avaliativos é preciso uma mudança de postura por parte de professores para repensarem as suas práticas avaliativas, uma vez que não se pode apenas avaliar no sentido de dar notas, mas acompanhar o aluno em todo o seu percurso com avaliações que sejam diagnósticas e formativas em todo o contexto de ensino favorece toda a sua aprendizagem.

**Palavras-chave:** Avaliação qualitativa. Instrumentos avaliativos. Aprendizagem.

## ABSTRACT

Assessments are present daily in people's lives. Inside the school, it manifests itself all the time, mainly in the classroom between the figure of the teacher who applies the grades and the students who receive it. In the area of Biological Sciences, teachers have an infinite range of subjects that can be worked on in different ways. Thus, the objective of this work was to analyze the importance of diversifying assessment instruments in basic education and the methods used to assess students. All research participants are public school teachers in the municipalities of Areia, Alagoa Grande, Caicó (RN), Esperança, Guarabira and Remígio, graduated in Biological Sciences and are active in elementary school II and high school, the focus of our. Due to the covid-19 pandemic, data collection was performed online, with the application of a virtual questionnaire with eleven open questions about its identification, conceptions and use of assessment instruments in the classroom. With the analysis of the questionnaire, we were able to perceive the frequent use of traditional assessment instruments as conventional tests in classes to assess student learning, however, the significant use of diversified assessment instruments was mentioned, such as: games, debates, self-assessment and feedback. For the diversified use of assessment instruments, a change of attitude by teachers is necessary to rethink their assessment practices, since it is not only possible to evaluate in the sense of giving grades, but accompanying the student throughout his career with assessments that are diagnostic and formative in the entire teaching context favors his entire learning.

**Keywords:** Qualitative evaluation. Evaluation instruments. Learning.

## SUMÁRIO

<b>1. O CAMINHO INICIAL DO NOSSO ESTUDO .....</b>	<b>9</b>
1.1 A ESTRUTURA DO TRABALHO.....	11
<b>2. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO E SUAS CONCEPÇÕES .....</b>	<b>13</b>
2.1. HISTÓRIA DA AVALIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES AO LONGO DOS ANOS.....	13
2.2 CONCEITOS E CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO.....	15
2.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO .....	17
2.3.1 AVALIAÇÃO CLASSIFICATÓRIA.....	17
2.3.2 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA .....	17
2.3.3 AVALIAÇÃO FORMATIVA .....	19
2.4 A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PARA A DOCÊNCIA .....	20
2.5 INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO ENSINO DE BIOLOGIA .....	22
<b>3. O PERCURSO DA PESQUISA.....</b>	<b>27</b>
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA .....	27
3.2 COLETA DE DADOS.....	27
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>29</b>
4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES .....	29
4.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM .....	32
4.2.1 O USO DA AVALIAÇÃO.....	32
4.2.2 DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS.....	35
4.3 O USO DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS.....	38
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO.....</b>	<b>49</b>

## 1. O CAMINHO INICIAL DO NOSSO ESTUDO

A avaliação está presente diariamente em nossas vidas. Desde os tempos primitivos, os jovens de tribos e comunidades para serem considerados adultos, tinham de passar por um processo de avaliação para preencher determinados critérios, e serem de fato adultos (BATISTA, 2017). Com o passar dos anos, o nosso sistema educacional foi tomando medidas muito semelhantes ao antepassado, no sentido de punir, classificar e selecionar “os melhores” através de um método avaliativo, que muitas vezes pode se tornar uma ferramenta de opressão.

Muitos professores ensinam apenas aquilo que vai ser cobrado nos vestibulares, e aos alunos cabe receber os ensinamentos e memorizar, com a finalidade de serem reescritos nos cadernos e provas. Em muitas situações, os professores utilizam da avaliação para medir o grau do saber do aluno sobre o conteúdo estudado em sala, desconsiderando, dessa forma, o seu conhecimento prévio e sua trajetória de aprendizagem (PERALTA et al, 2010). Nesse contexto, muitos alunos encontram dificuldades em avançarem dentro dos muros da escola, já que esta privilegia um modelo tradicional de avaliação que retém alunos que não atingem metas estabelecidas por notas.

As avaliações não podem se resumir apenas em notas que servirão para avançar ou reter os alunos (ROCHA, 2009). Segundo Vasconcelos (2008, p. 54), “as provas são apenas uma das formas de atribuições de notas, sendo uma das formas de avaliação, podendo atribuir notas sem ser por provas, bem como avaliar sem ser por nota”. Ainda segundo Vasconcelos (2008), a avaliação tem um sentido abrangente:

A avaliação deve ser um processo abrangente da existência humana, que implica uma reflexão crítica sobre a prática no sentido de captar seus avanços e possibilitar uma tomada de decisões, acompanhando a pessoa em seu processo de crescimento (VASCONCELOS, 2008, p. 43).

Nesse sentido, cabe ao professor promover maiores formas de diversificar a sua forma avaliativa, bem como promover uma reflexão crítica sobre suas metodologias aplicadas em sala de aula. A diversificação dos instrumentos avaliativos se torna importante para o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva diante dos conteúdos abordados em sala de aula (SILVA; BEZERRA, 2015). Para Dill et al (2013), o uso de instrumentos avaliativos na prática pedagógica escolar, torna-se uma reflexão de qualidade sobre o trabalho escolar tanto do professor quanto dos alunos, permitindo buscar meios facilitadores da aprendizagem, fazendo com que os alunos expandam seus conhecimentos.

Sobre o tema desse estudo, este foi escolhido a partir da minha experiência em sala de aula com a disciplina Avaliação da Aprendizagem, onde trabalhamos os conceitos, as funções e as finalidades da avaliação, bem como a discussão sobre o uso de instrumentos avaliativos diversificados e a sua importância para o trabalho docente.

Outra razão que me levou ao desenvolvimento do tema está relacionada às observações feitas nas práticas pedagógicas dos docentes no Estágio Supervisionado e no Programa de Residência Pedagógica<sup>1</sup>, onde observei o uso repetitivo de instrumentos avaliativos tradicionais como: provas, exercícios e seminários.

A variedade de instrumentos avaliativos em sala de aula continua muito limitada nos dias atuais, ou são esquecidos por parte dos professores, seja por desconhecimento ou dificuldade em utilizá-los (MATOS et al., 2013, BATISTA, 2017). Aí surge perguntar e obter respostas sobre as seguintes questões:

- Qual a importância de diversificar os instrumentos avaliativos durante a atividade pedagógica?
- Os professores percebem que os instrumentos avaliativos devem ser elaborados considerando o objetivo a atingir?
- Existe, nas escolas, uma prática de intervenção quando após o resultado das avaliações se percebe que a maioria dos alunos não aprenderam?

---

<sup>1</sup> O Programa de Residência Pedagógica é um programa constituído pela CAPES em 2011 e integra a Política Nacional de Formação de Professores com o objetivo de aperfeiçoar a formação prática nos cursos de licenciatura.

Tendo em vista as informações obtidas acima, acreditamos que se faz necessário que se promovam discussões, orientações e reflexões por parte dos professores, individualmente e entre seus pares, para que ocorram mudanças no processo avaliativo, que visem diagnosticar as dificuldades, possibilitando uma ação no sentido de melhorar o ensino e aprendizagem dos alunos.

A partir da questão apresentada, realizamos um estudo visando analisar a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos no ensino básico e os métodos utilizados para avaliar os alunos.

Considerando este objetivo geral, estabelecemos alguns objetivos específicos, dentre os quais destacamos:

- Analisar as concepções dos professores sobre avaliação;
- Identificar os instrumentos avaliativos utilizados com maior frequência pelos professores e com quais objetivos utiliza;
- Refletir sobre os métodos avaliativos mais utilizados nas escolas.

Como recorte teórico – epistemológico, utilizamos como elementos centrais para fundamentar as nossas reflexões acerca do fazer avaliativo dos professores, especialmente as ideias de Luckesi, Batista e Duarte.

## 1.1 A ESTRUTURA DO TRABALHO

Esse trabalho foi dividido em capítulos como forma de detalhar o máximo possível de informações.

No primeiro capítulo desse estudo, discutimos sobre a escolha do tema e a sua justificativa, sobre a importância da avaliação e o uso dos instrumentos avaliativos para o favorecimento do ensino e aprendizagem.

No segundo capítulo trazemos o referencial teórico que dá suporte às discussões em torno dos dados levantados. Levantamos dados sobre o histórico da avaliação e as suas funções ao longo do tempo, além de seus conceitos e as suas concepções. Além disso, foi abordada a importância do uso da avaliação para os docentes e o uso dos instrumentos avaliativos na disciplina de Biologia.

No capítulo três, apresentamos os procedimentos metodológicos para a realização da pesquisa, e no quarto capítulo, foram apresentados os resultados e discussão sobre os dados coletados nos questionários aplicados aos professores.

Por fim, foram apresentadas as considerações finais da pesquisa, resultante dos resultados discutidos. O intuito desse trabalho foi apresentar discussões que busquem uma reflexão sobre as práticas avaliativas apresentadas em sala de aula, e servir como subsídios para novas pesquisas e mudanças no contexto da avaliação tradicional.

## 2. A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO E SUAS CONCEPÇÕES

Durante esse capítulo, serão discutidos os conceitos, as concepções, o histórico, a importância da avaliação para o trabalho docente, e por fim o uso de instrumentos avaliativos para a disciplina Biologia. Esse referencial teórico tem como objetivo trazer discussões sobre o processo da avaliação em diferentes visões de autores que contribuem para um ensino de qualidade.

### 2.1. HISTÓRIA DA AVALIAÇÃO E SUAS FUNÇÕES AO LONGO DOS ANOS

Saber atuar de forma democrática e inclusiva dentro do espaço escolar na perspectiva avaliativa, tomando decisões que respeitem os alunos em suas aprendizagens, são pressupostos de uma avaliação de qualidade, mas nem sempre foi assim. O termo avaliação é recente e o seu primeiro vestígio, exame, não está relacionada à escola (SANTOS, 2008, p. 1).

Os primeiros vestígios sobre exame se deram na sociedade chinesa nos anos 1.200 a.c, não aparecendo como instrumento educativo, mas como uma forma de controle social na burocracia chinesa (SANTOS, 2008, p. 1-2). Segundo Costa e Barreto (2014), somos herdeiros de uma longa história de exames, mas esse modelo de exame escolar que está presente até hoje nas escolas, vem sendo sistematizado desde o século XVI com o surgimento da idade moderna. Segundo as mesmas autoras, os exames reproduzem o modelo da sociedade em que vivemos, ou seja, uma sociedade burguesa, excludente e nesse sentido os exames também são.

No século XVII, o exame é tomado como objeto de reflexão pedagógica, surgindo duas correntes para a institucionalização do exame. A primeira com Comenius, “o exame é tomado como objeto problema metodológico”, defende o “exame como um espaço de aprendizagem e não de verificação da aprendizagem”, em seguida La Salle, “propõe o exame como supervisão permanente” (SANTOS, 2008, p. 2; PIMENTA e CARVALHO, 2008, p. 3). Os autores também ressaltam que:

Comenius, ao considerar o exame como metodologia, convida a repensar a prática pedagógica para atingir a melhor forma de “ensinar tudo a todos”. Se o aluno não aprendesse, havia que se repensar o método, ou seja, o exame era um precioso auxílio a uma prática docente mais adequada ao aluno, numa perspectiva dialógica e dialética da educação. La Salle, por sua vez, centra no aluno e no exame o que deveria ser o resultado da prática pedagógica, a qual

envolve tanto o aluno, como o professor. Ao tomar a perspectiva do exame como controle de quem aprende, centra no aluno a responsabilidade de um processo que envolve tanto aluno como professor. Com isto, descaracteriza ato pedagógico como um ato dialógico e dialético, restando apenas a função do exame como controle e punição (PIMENTA e CARVALHO, 2008, p. 3-4).

A pedagogia por exame está voltada para a promoção do aluno em sua série subsequente, colocando o exame inerente a toda a ação educativa, e para essa certificação da promoção, é necessário atribuir notas (SANTOS, 2008, p. 3). Nesse momento não importava se o aluno apresentava uma boa aprendizagem, o importante são as notas para passarem de ano. Prática que ainda persiste em muitas práticas avaliativas.

No século XX, o termo “exame” é substituído pelo termo “teste”. Então inicia-se, “os estudos para medir a inteligência humana, através do coeficiente intelectual (QI), ou seja, a razão entre idade mental e idade cronológica”. Nesse sentido, os testes foram utilizados como um método de mensuração da inteligência dos educandos (SANTOS, 2008, p.3).

Entre o final do século XIX e o início do século XX com o advento da escola nova na Europa e Estados Unidos, um movimento educacional carregava entre seus pilares a democratização do acesso ao ensino e menos injustiças sociais (SANTOS, 2008, p.3).

De acordo com a autora, seguindo esses pensamentos, muitos alunos eram classificados e julgados como capazes e não capazes através de um teste:

Pelo viés do darwinismo, onde apenas os melhores se adaptam e assim devem ter melhores oportunidades. Os instrumentos de mensuração – os testes – seriam capazes de fazer essa diferenciação a fim de beneficiar os melhores alunos e não cometer injustiça intelectual com os mesmos. Nesta perspectiva, a avaliação dos “deficientes mentais” ou “anormais” dentro da escola nas três primeiras décadas no século XX, baseava-se quase integralmente ao nível intelectual (SANTOS, 2008, p.3).

Na metade do século XX, o termo “teste” é substituído por “avaliação”, sendo empregado no meio científico por ser uma palavra que expressava neutralidade. Nesse momento, surge o modelo de pedagogia tecnicista ao qual se espalhou pelas escolas.

Esse movimento educacional era inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e na abordagem sistêmica do ensino, buscando relacionar a educação com as exigências industriais e tecnológicas da sociedade. A avaliação neste período se limita ao campo técnico, ou melhor, a construção de livros técnicos sobre a avaliação (SANTOS, 2008, p.3).

Nesse mesmo período, na década de 30, a avaliação educacional é levada mais em consideração devido à insuficiência de desempenho por parte dos alunos, sendo a escola a responsabilizada (VITO e SZEZERBATSZ, 2017).

No Brasil, os jesuítas, segundo Batista (2017), tiveram bastante influência na entrada da avaliação da aprendizagem. Para ele, o

Ratio Studiorum”, promulgada em 1599, apresentava normas e propostas pedagógicas, que dessem a todas as escolas jesuítas uma configuração comum. O objetivo dessa avaliação era atribuir qualidades e competências aos alunos, e os resultados serviam para que os mesmos avançassem de uma série para outra. Ou seja, a função principal era controlar a formação, conhecimento, moralidade, piedade e comportamento do aluno, e ao atingir o estado ideal de aprendizagem o estudante era premiado em solenidades públicas (BATISTA, 2017, p. 15).

Os autores ainda destacam que, a sociedade de cada época requer a formação de indivíduos que atendam às suas necessidades, sendo a avaliação responsável pelo processo de construção e possibilidade de avanços do indivíduo, primando pela formação de pessoas que demonstrem conhecimentos ao desenvolvimento político, econômico e social.

## 2.2 CONCEITOS E CONCEPÇÕES DE AVALIAÇÃO

Avaliar “vem do latim a valere, que significa atribuir valor e mérito ao objeto de estudo” (DUARTE, 2015, p. 55). Portanto, avaliar, nessa concepção, é atribuir valor sobre o objeto a qual se deseja uma qualidade do seu resultado final, porém, “a compreensão da avaliação do processo ensino/aprendizagem tem sido pautada pela lógica da mensuração, isto é, associa-se ao ato de avaliar ao de medir os conhecimentos adquiridos pelos alunos” (SOUZA, 2010, p.1).

Para Luckesi (1998, p.33) avaliação é um julgamento de valor sobre manifestações relevantes de qualidade, primeiro sendo atribuído o juízo de valor a

uma afirmação qualitativa sobre um dado objeto a partir de critérios pré-estabelecidos, segundo é feito critérios de julgamentos relevantes de qualidade e terceiro, conduz a uma tomada de decisão, ou seja, um julgamento de valor. Para Duarte (2015), os julgamentos de valores sobre os alunos são feitos, através da verificação da aprendizagem como provas, exercícios, respostas dos alunos, permitindo uma tomada de decisão futura.

Essa tomada de decisão pode ser arbitrária e causa problemas no processo avaliativo. Percebemos isso quando os alunos são avaliados apenas com a utilização de provas, classificando-o de forma errônea. Podemos destacar que essa prática avaliativa “classificatória” como um modelo de exclusão, na medida em que alguns alunos avançam em notas e outros ficam retidos na espera de outra avaliação com o mesmo critério de julgamento, e apenas com os critérios quantitativos, deixando de lado os critérios qualitativos, ou seja, deixa-se de avaliar o essencial, o avanço das habilidades e potencialidades dos seus alunos de forma plena.

Segundo Bradfield e Moredock (1963, apud ROMÃO, 1998, p.56) avaliação é o “processo de atribuição de símbolos a fenômenos com o objetivo de caracterizar o valor do fenômeno, geralmente com referência a algum padrão de natureza social, cultural ou científica”. Segundo Romão (1998, p.56), essa definição reflete uma postura classificatória dos autores, pois consideram a avaliação como julgamento de valor com base em critérios estabelecidos e tomados previamente.

Para Haydt (1988, p. 10) “avaliar é julgar ou fazer a apreciação de alguém ou alguma coisa com base em escala de valores ou interpretar dados quantitativos e qualitativos para obter um parecer ou julgamento de valor, tendo por base padrões ou critérios”, essa definição é praticamente a mesma utilizada pelos autores citados anteriormente, se enquadrando em uma em uma “posição tradicional”, segundo Romão (1998).

De modo geral, a palavra avaliação é utilizada para atribuição de valor a um indivíduo ou objeto, e vem se configurando como uma ferramenta classificatória e punitiva na visão de quem está sendo avaliado, e criando uma visão distorcida do verdadeiro sentido da avaliação que deve abranger o individual como um todo. No momento que se tem um julgamento por nota, se tem poucas informações sobre o avanço ou retenção dos alunos em sala de aula.

Ao contrário da avaliação classificatória, existem outros métodos que podem ser adotados para avaliar: diagnóstica, formativa e somativa (DUARTE, 2015; e PONTES, 2012). Cada uma dessas avaliações está presente no cotidiano da escola e tem sua importância no desenvolvimento do ensino e aprendizagem, cabendo ao professor saber adequar o seu ensino para atender os seus alunos de forma contínua durante todo o ano.

Assim, para promover melhor compreensão sobre os tipos de avaliação adotados, traremos, a seguir, uma discussão sobre como, na sala de aula, poderiam ocorrer esses tipos de avaliação.

## 2.3 TIPOS DE AVALIAÇÃO

### 2.3.1 AVALIAÇÃO CLASSIFICATÓRIA

A avaliação classificatória visa à promoção escolar do aluno, num determinado momento em que é submetido a provas, testes e exames de caráter específicos ou multidisciplinar (SOUZA, 2010). Nessa perspectiva tradicional, o aluno é visto como um objeto de aquisição de saberes para serem avaliados no final de cada semestre, ao mesmo tempo que seleciona o aluno, a avaliação classificatória, o torna vítima de exclusão no ambiente escolar.

O pensamento em que a avaliação é vinculada a notas, eleva ainda mais o ensino tradicional que está enraizada em nossas escolas. Quando se analisa apenas o resultado final, se pressupõem que os ensinamentos foram satisfatórios e os alunos aprenderam sem considerarem as falhas e os erros que ocorrem em toda a etapa do ensino e aprendizagem para uma educação de qualidade. Esse método de avaliação não verifica a aprendizagem que o aluno traz consigo, nem muito menos leva em conta as suas aprendizagens ao longo do seu percurso como é visto na avaliação diagnóstica e formativa.

Portanto, é necessário pensar em alternativas que visem acompanhar os alunos em toda a sua trajetória em que ele seja a figura central da avaliação, e seus erros sejam corrigidos a tempo de não lhe causar danos futuros.

### 2.3.2 AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

A avaliação diagnóstica ou inicial é realizada no início de cada ano letivo, no sentido de coletar informações, características e conhecimentos prévios dos alunos. No entanto, apesar de geralmente ser usada no início do ano, pode ocorrer durante todo o ano, num processo contínuo de verificação sobre o que os estudantes já aprenderam. Essa etapa, tem como objetivo conhecer em que medida os conhecimentos anteriores ocorreram, permitindo ao professor detectar as dificuldades e até que ponto ele pode avançar com os conteúdos (DUARTE, 2015, PONTES, 2012.).

Nesse sentido, a avaliação diagnóstica deixa de lado o modelo classificatório, servindo como instrumento que auxilia o aluno em sua aprendizagem, diagnosticando suas dificuldades e oferecendo condições para a sua progressão. Segundo Silva, para que a avaliação não seja classificatória e autoritária, ela deve ser:

Diagnosticadora, informadora, sempre com a perspectiva de emancipação. Se o objetivo é a aprendizagem, ela passa a ter a função de diagnosticar as dificuldades e deficiências que ocorreram, tanto no processo de transmissão quanto no de assimilação dos conteúdos (SILVA, 2005, p. 170).

Usar a avaliação diagnóstica é deixar de fazer julgamento sobre a aprendizagem do aluno, para compreender o que o aluno já sabe, os caminhos que ele percorreu para seu conhecimento, a sua construção, podendo potencializar suas possibilidades de avanços e as suas dificuldades, tendo em vista a sua superação (SILVA, 2005). Todo o processo de avaliação requer análises e observações para pensar e repensar, se necessário, as melhores formas de adequar o que é ensinado para os diversos alunos que estão em sala de aula, como também valorizar os seus conhecimentos, os seus pensamentos e o seu posicionamento diante daquilo que estão aprendendo em sala de aula.

Para Joaquim et. al (2016, p. 251), a “avaliação diagnóstica permite ao professor “identificar em que momento do processo de construção do conhecimento o aluno se encontra, para identificar as atividades pedagógicas que irão favorecer a aprendizagem”, contrariando a avaliação que classifica e puni o aluno. O autor ainda afirma que, a avaliação diagnóstica tem a finalidade de abolir a repetência, permitindo ao professor verificar os seus pontos positivos e falhos para que possa refletir em melhorias para a vida das pessoas.

Segundo Lemos e Sá (2013,), na avaliação diagnóstica, busca verificar a presença e a ausência de conhecimentos desenvolvidos. Portanto, a avaliação diagnóstica é necessária para que o professor identifique em que situação se encontra o seu aluno e possa trabalhar para o seu avanço.

Para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com uma concepção pedagógica. No caso, consideramos que ela deve estar comprometida com uma proposta pedagógica histórico-crítica, uma vez que esta concepção está preocupada com a perspectiva de que o educando deverá apropriar-se criticamente de conhecimentos e habilidades necessárias à sua realização como sujeito crítico dentro desta sociedade que se caracteriza pelo modo capitalista de produção. A avaliação diagnóstica não se propõe e nem existe de uma forma solta e isolada. É condição de sua existência a articulação com uma concepção pedagógica progressista (LUCKESI, 2005, p.82).

Portanto, para que uma prática avaliativa tenha eficácia em uma sociedade complexa como a nossa que exige cada vez mais dos futuros profissionais, é necessário mudanças nas práticas pedagógicas para uma educação de qualidade.

### 2.3.3 AVALIAÇÃO FORMATIVA

A avaliação formativa é feita durante todo o ano letivo na busca de ajustar e melhorar o processo educacional, não tendo como objetivo classificar ou selecionar, fundamentando-se nas aprendizagens significativas e funcionais, como também aspectos cognitivos e afetivos (DUARTE, 2015, PONTES, 2012.). Esse tipo de avaliação é essencial durante todo o ano letivo, a fim de corrigir as dificuldades dos alunos e orientá-los, e se necessário, o próprio professor modificar as suas práticas para melhor atender e desenvolver os conhecimentos de seus alunos.

Esta modalidade de avaliação permite, ao professor, identificar aqueles alunos que não alcançaram os resultados almejados diante da metodologia de ensino utilizada. Para tanto, deve ser uma prática contínua para que o docente verifique a aprendizagem dos alunos, detecte as deficiências na metodologia, se for o caso, e, então obtenha dados que deverão ser utilizados no aperfeiçoamento do processo de ensino aprendizagem, assegurando o alcance dos objetivos preestabelecidos (FREITAS E CARVALHO, p. 16).

A avaliação formativa, no contexto escolar, considera que a sala de aula é um espaço de permanente acompanhamento, com o intuito de ampliar o processo de ensino e aprendizagem (LEMOS e SÁ, 2013). Nesse espaço de interatividade entre professores e alunos, a avaliação formativa permite que o professor reflita melhor sobre o seu trabalho, além de acompanhar de perto a aprendizagem dos seus alunos, a fim de orientá-los durante o seu percurso na escola.

Esta forma de avaliação pode ser vista como uma concepção que inclui não apenas a formação cognitiva, mas a formação humana, por permitir que o aluno olhe para a sua própria trajetória, sempre atendo a evolução do seu conhecimento (CARVALHO, 2013, p. 200). Sendo assim, a avaliação formativa envolve a figura do professor e do aluno em afetividade, diálogo, orientações para o seu desenvolvimento.

Portanto, o processo de avaliação é amplo, devendo analisar ou verificar algum fato ou objeto, sendo necessário conhecer e acompanhar o que se deseja avaliar, estabelecendo metas, critérios e objetivos com a finalidade desejada (PONTES, 2012). Dentro da escola, o papel de avaliar, está exclusivamente na figura do professor em sala de aula, onde ele observa, diagnostica os problemas e deficiências dos alunos, e no fim ele atribui um julgamento de valor através das notas.

É necessário o rompimento desse modelo tradicional, que fuja de aplicação de provas como a única forma de mediação do conhecimento, e que se instale um novo modelo, onde os alunos possam ser acompanhados e estimulados constantemente (SILVA, 2005). O professor que repensa sua prática avaliativa em busca de melhorar a aprendizagem dos seus alunos, também repensará suas práticas metodológicas, caso seja necessário, para promover seus alunos. Essas iniciativas são um ponta pé inicial para o rompimento das práticas tradicionais excludentes.

#### 2.4 A IMPORTÂNCIA DA AVALIAÇÃO PARA A DOCÊNCIA

A avaliação deve estar presente na vida dos professores em todos os momentos em que ele pensa, verifica e ajusta os seus passos didáticos para o

ensino e aprendizagem dos seus alunos. A avaliação da aprendizagem escolar não deve ser vista como uma prática que utiliza apenas provas e exames, essa tem o sentido classificatório. A avaliação deve ser vista como uma prática que envolve o aluno e o professor na construção do seu conhecimento. Nessa proposta, “o professor deixa de ser um mero verificador de conteúdos e passa a ser um mediador no processo de aprendizagem, sensível às especificidades dos alunos e ao tempo de aprender de cada um” (LEMOS e SÁ, 2013, p. 54). Toda aprendizagem requer aquisição de competências que são consideradas fundamentais para o desenvolvimento do aluno. Nesse processo, a figura do professor é importantíssima para analisar não apenas aquisição por notas, mas avaliar as atitudes e comportamentos que fazem parte de uma aprendizagem de qualidade.

A avaliação, em si, é dinâmica e construtiva, e seu objetivo, no caso da prática educativa, é dar suporte ao educador (gestor da sala de aula), para que haja mais adequada possível, tendo em vista a efetiva aprendizagem por parte do educando (LUCKESI, 2011, p. 176).

A avaliação se configura como um instrumento de coleta de dados e observações que servirão para tomada de decisões futuras. Os professores, ao longo do dia letivo, coletam e utilizam as informações para tomar decisões sobre a administração, instrução em sala de aula, aprendizagem do estudante e o planejamento do ensino, se tornando uma ferramenta de contínua da sala de aula (RUSSELL e AIRASIAN, 2014). Desse modo, a avaliação torna-se indispensável, e a figura do professor ganha destaque, quando se coloca presente, diariamente, como parte integrante do desenvolvimento dos seus alunos.

Freitas e carvalho (2015), afirmam que a avaliação deve estar à disposição do professor para verificar a qualidade da aprendizagem dos discentes, oferecendo alternativas para o docente repensar a sua prática e encontre um caminho para que todos os alunos avancem em sua aprendizagem. Quando o educador reflete sobre o seu ensino, ele também busca adequar os instrumentos avaliativos para os seus alunos.

A necessidade de utilizar meios que busquem destacar o entendimento que o aluno adquiriu sobre o conteúdo estudado e demonstrando o mesmo ao professor. Dessa forma cabe ressaltar que é de real importância permear diversos instrumentos avaliativos, o qual podemos citar: o portfólio, a coavaliação, o mapa conceitual, a aula e a prova (CARVALHO, 2013, p. 204).

Nesse contexto, o professor deve saber usar e direcionar os instrumentos avaliativos que sejam favoráveis ao aluno e não ficar retido em práticas tradicionais do ensino. A sua forma de pensar o conteúdo para os alunos, junto ao instrumento avaliativo, são práticas que são indissociáveis para uma boa avaliação.

Partindo desses pressupostos, a avaliação pode se tornar aliada do professor na melhoria do seu ensino, podendo acompanhar de perto o percurso da aprendizagem dos alunos, e por outro lado acompanhar o seu processo de ensino (ANDRE e PASSOS, 1998). Portanto, saber aliar os passos didáticos com instrumentos avaliativos que valorizem a aprendizagem, são fundamentais para um bom profissional da educação.

## 2.5 INSTRUMENTOS AVALIATIVOS NO ENSINO DE BIOLOGIA

A Biologia tem um papel importante no desenvolvimento das noções de ambiente, formações, relações existentes entre seres vivos e não vivos, gerando discussões e embates que permitam entender o universo do ponto de vista da ciência (BORBA, 2013). É devido a essa importância que a Biologia se configura como uma disciplina chave na vida dos estudantes, na qual a junção de um ensino crítico de Biologia e uma avaliação justa, possibilitará formar um aluno que expresse seus conhecimentos, as suas ideias e o seu ponto de vista.

A aprendizagem da Biologia no ensino médio, assim como ciências no ensino fundamental, tem a função de desmistificar a pesquisa científica e trazer a compreensão dos processos dinâmicos e das estruturas biológicas que formam a biodiversidade do planeta (LEITE et. al, 2017). Sendo dessa forma, o educador deve buscar levar variados assuntos como: botânica, ecologia, zoologia, fisiologia animal e humana, abrangendo toda uma diversidade de conhecimentos necessários para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Devido a essa complexidade de assuntos variados, muitas vezes os conteúdos tornam-se complicados para os alunos, cabendo ao professor aproximar esses assuntos a sua realidade, para que não torne a Biologia uma disciplina cansativa e punitiva no momento da avaliação. Para Batista (2017, p.17), o ensino de Biologia, na maioria das escolas brasileiras, é pautado no método convencional,

no qual o professor utiliza apenas de aulas expositivas e somente ele é detentor do conhecimento e os alunos meros expectadores.

É notável que uma forma didática tradicional, especialmente na área biológica, com muitas técnicas pouco ou totalmente ineficazes, torna o ensino monótono, desconexo e desvinculado do cotidiano do aluno. Gera-se, dessa forma, conhecimentos equivocados e confusos sobre vários temas das ciências biológicas, tendo por consequência um ensino pouco eficaz, que por vezes pode até confundir ainda mais os conhecimentos científicos que o aluno já possui (JUNIOR; BARBOSA, 2009, p. 2).

A atenção dos alunos nos conteúdos está diretamente ligada a atuação do professor em sua prática docente, que deve buscar motivar os seus alunos e chamar a sua atenção de diferentes formas (BATISTA, 2017). É necessário que o ensino de Biologia seja motivador e heterogêneo, não ficando restrito apenas a um método linear, no qual o professor repassa os conteúdos dos livros didáticos e os alunos copiam em seu caderno.

De acordo com Duré et al. (2018), os alunos não conseguem identificar a relação entre o que estudam em Biologia e o seu cotidiano, por isso acabam resumindo o estudo em memorização de nomes complexos, ficando sem entender a importância desses conteúdos para a compreensão do mundo natural e social. Para romper essa barreira se faz necessário mudanças didáticas, aplicando diferentes práticas avaliativas no sentido em que o aluno sai de um estágio monótono e entre um estágio de interação com o professor e o conteúdo.

Segundo Caldeira e Araújo (2009) o ensino de ciências é uma preocupação mundial, principalmente em países onde o aprendizado dos alunos é precário, e dificilmente atingem suas metas que devem transcender memorização de informações que são muitas vezes desconexas e irrelevantes. Percebe-se ainda que o instrumento avaliativo mais utilizado na disciplina de Biologia é a prova, necessitando-se uma análise crítica sobre a diversificação dos instrumentos avaliativos (CALDEIRA; ARAUJO, 2004, SILVA; BEZERRA, 2015).

Para Batista (2017, p.16), os instrumentos avaliativos, “têm sido entendidos como recursos utilizados para promover a coleta e análise de dados no processo ensino aprendizagem, visando promover a real aprendizagem dos alunos”. Quando o uso de instrumentos avaliativos é utilizado para a sua verdadeira função, a serviço

do aluno, se tem um avanço significativo para todos. A utilização dos instrumentos avaliativos e avaliando os alunos de forma correta, promove a queda de índices de reprovação e evasão em escolas públicas do Brasil (BATISTA, 2017).

Para que os instrumentos avaliativos funcionem para os alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem, é necessário a aplicação de um instrumento coerente que garanta uma avaliação justa e correta (BATISTA, 2017). Muitas escolas brasileiras trabalham pouco os instrumentos avaliativos em sala de aula, ficando muitas vezes restritos ao uso de livros didáticos, provas e seminários.

Ressaltamos a importância de oferecer diversas possibilidades aos alunos de serem avaliados, analisados e investigados, não cabendo valorizar apenas um único instrumento avaliativo (MIGUEL et. al, 2015).

Segundo Silva e Bezerra (2015), a utilização de diversificados instrumentos avaliativos proporciona ao aluno o desenvolvimento da capacidade crítica-reflexiva a partir dos conteúdos abordados na escola. Segundo as mesmas autoras, os instrumentos utilizados por elas no ensino de Biologia (palavras cruzadas, oficinas didáticas, jogos e exposição do material didático), foram significativos para a construção e desenvolvimento do conhecimento dos alunos. Nesse sentido, Vito e Szezerbatz reafirmam a importância dos instrumentos avaliativos:

Há necessidade da diversificação dos instrumentos avaliativos, no sentido em que o docente deve ofertar possibilidades diferenciadas que estimulem os alunos a demonstrarem o conhecimento adquirido sem apresentar o medo que carregam da prova (VITO E SZEZERBATZ (2017, p. 227).

Para Luckesi (2011) existe uma confusão com os termos instrumentos de avaliação e instrumentos de coleta de dados, sendo reservada a expressão de “instrumentos de avaliação” para designar os atos metodológicos da prática avaliativa, enquanto os “instrumentos de coletas de dados” são designados para “coletar dados”, exemplos disso são: as Fichas de observação, testes, questionários, redações, papers, monografias entre outros.

O uso dos instrumentos ditos “tradicionais” pelos educadores, não devem ser descartados na prática educativa, e se forem bem conduzidos pedagogicamente e utilizados de maneira adequada aos nossos objetivos, serão essenciais no processo de avaliação (LUCKESI, 2011, SILVA; BEZERRA, 2015).

O ensino de biologia com enfoque investigativo e crítico propõem uma visão mais ampla da ciência, portanto é necessário promover o aprendizado dos alunos através da descoberta e curiosidade para o despertar da criticidade (PERAZZO, 2006).

Perazzo (2006, p. 59), ainda afirma que o “ensino de Biologia deve ultrapassar as barreiras da sala de aula e considerar o cotidiano do aluno”. Além disso, o próprio aluno deve ser encaminhado para desenvolver habilidades de investigação, questionamentos, criticidade, ou seja, ser capaz de questionar, investigar e criticar algo nos momentos de aulas.

No âmbito de formar alunos críticos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que é um documento que serve para orientar os professores para a garantia de uma educação de qualidade, explicita que para isso é necessário que:

Considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (BRASIL, 1997, p. 27).

Partindo desse pensamento, enxergamos a importância da diversificação dos instrumentos avaliativos na formação do aluno crítico, na medida que as mudanças no modo de avaliar proporciona um maior contato do aluno com a disciplina. Segunda Silva e Bezerra (2015, p.13), ao se inserir diferentes instrumentos avaliativos na disciplina de Biologia, proporcionou ao aluno a construir o seu próprio conhecimento. A disciplina de Biologia é rica em conhecimentos, e saber utilizar variados instrumentos avaliativos como autoavaliação, debates, apresentação oral, experimentação e trabalhos em grupo, favorece o aluno a construir melhor o seu pensamento sobre um determinado conteúdo.

É necessário que se reflita sobre relação de afetividade e harmonia entre o professor e o aluno no ambiente escolar. Em muitas situações os educadores criam uma resistência em aceitar as opiniões diversas dos alunos, na justificativa que “estão errados sobre um determinado assunto”, se colocando como detentor do conhecimento. Ainda é muito significativo o número de professores resistentes às mudanças e, aceitar que seus alunos hoje, são mais críticos, participativos e

interativos com o mundo, promove um conflito que se configura como indisciplina na visão do docente (ARAÚJO, 2011).

Buscar superar esses impasses é fundamental, se o objetivo é buscar alunos críticos e reflexivos em que possam relacionar as aulas de biologia com a suas realidades cotidianas. Diante de tudo isso, é necessário que o professor reflita sobre seus métodos avaliativos no momento da avaliação, assim como em seus instrumentos utilizados, diversificando e fazendo uso de várias ferramentas no ato de avaliar (PONTES, 2012).

### 3. O PERCURSO DA PESQUISA

Nesse capítulo serão descritos os métodos utilizados para a realização da pesquisa, bem como os sujeitos participantes, a abordagem utilizada para o seu desenvolvimento e os procedimentos de coleta de dados.

#### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa. A pesquisa qualitativa, considera que existe uma relação entre o mundo real e o sujeito, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzida em números (PRODANOV; FREITAS, 2013). Nesse contexto, a pesquisa tem como objetivo compreender a importância do uso diversificado dos instrumentos avaliativos para um ensino e aprendizagem de qualidade.

Para Oliveira (2005), a pesquisa qualitativa é um processo de reflexão e análise da realidade, que ocorre por meio da utilização de métodos e técnicas para compreensão minuciosa do objeto de estudo em seu contexto histórico e segundo a forma como se estrutura.

No que se refere o objetivo da pesquisa ela pode ser classificada como uma pesquisa de caráter descritivo e exploratória, conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa descritiva, é realizada quando o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles. Ainda segundo os autores, essa pesquisa visa descrever as características de determinada população ou fenômeno estabelecimento relações entre variáveis, podendo envolver técnicas padronizadas de coleta de dados como: questionário e observações sistemáticas.

Se tratando da pesquisa exploratória, ela tem o objetivo proporcionar mais informações sobre o assunto em investigação, possibilitando seu percurso, como também, a sua facilidade de delimitação do tema, fixação de objetivos e formulações de hipóteses.

#### 3.2 COLETA DE DADOS

Devido à pandemia da covid-19, a coleta de dados foi realizada de forma on-line, caracterizando a pesquisa como on-line. O uso de questionários virtuais proporciona maior praticidade e comodidade para os envolvidos na pesquisa, além

de ser mais rápido, econômico e com um bom aproveitamento de respostas (FALEIROS et al, 2016).

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário semiestruturado on-line, com onze perguntas abertas para analisar os professores sobre: formação acadêmica, o motivo de se torna docente, tempo atuação, nível de ensino, e suas percepções e ações sobre avaliação.

O questionário é um instrumento de coleta de dados, feita pelo pesquisador que deve ser preenchida pelo informante (PRODANOV; FREITAS, 2013). Conforme Costa (2011) existe dois tipos de perguntas: as abertas e as fechadas. As abertas permitem o pensamento livre e respostas variadas, além de permitir a identificação de significados. Já as questões fechadas, facilita as respostas e a categorização de dados. Os questionários foram aplicados com um total de 10 professores (a) pertencentes a rede pública de ensino dos municípios de Areia, Alagoa Grande, Esperança, Caicó (RN), Guarabira e Remígio, professores de Ciências Biológicas do ensino fundamental II e Biologia do ensino médio, foco da nossa pesquisa. Em razão da não identificação dos participantes, estes foram tratados como B<sub>1</sub>, B<sub>2</sub>, B<sub>3</sub>, B<sub>4</sub>, B<sub>5</sub>, B<sub>6</sub>, B<sub>7</sub>, B<sub>8</sub>, B<sub>9</sub> e B<sub>10</sub> (Quadro 01). A razão de mandar os questionários virtuais para professores (a) de outros municípios foi devido à falta de respostas dos professores (a) locais.

Todos os questionários foram entregues por e-mail, assim como a autorização para o uso dos dados.

## 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES

Os professores (a) que participaram da pesquisa, ministram suas aulas no ensino fundamental e médio da rede pública de ensino. O foco da nossa pesquisa se deu com os professores (a) de Ciências Biológicas.

Devido a pandemia do Covid-19, foi elaborado um questionário (apêndice A) on-line, com onze questões abertas sobre suas formações, questões sobre a prática avaliativa e utilização de instrumentos avaliativos.

O ensino de Ciências e Biologia é uma das áreas da educação que proporciona ao docente criar e reinventar as suas aulas, devido a sua rica complexidade de assuntos. Devido a isso, os instrumentos avaliativos podem e devem ser usados e diversificados para que os alunos sejam avaliados de diferentes formas. Nesse sentido, buscamos compreender a concepção dos professores (a) de ciências biológicas a respeito do uso dos instrumentos avaliativos em sala de aula.

Com análise dos dados, constatamos que os sujeitos da pesquisa representam 50% do sexo masculino e 50% do sexo feminino com a faixa etária variando entre 25 a 46 anos de idade. Quanto à sua formação acadêmica, todos possuem graduação em educação, sendo: todos graduandos (a) em licenciatura em Ciências Biológicas. Desses, dois possuem bacharelado em Ciências Biológicas. Dos dez professores (a), três possuem pós-graduação em: Biodiversidade, Saúde Pública e Ecologia.

Para a atuação na educação básica, no que se refere a LDB, todos os profissionais entrevistados estão aptos a atuarem como educadores em sala de aula. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 em seu artigo 62, afirma:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal (BRASIL, 1996, p. 42).

**Quadro 01: Identificação, gênero, idade e formação acadêmica**

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>Gênero</b>	<b>IDADE</b>	<b>FORMAÇÃO/ ACADÊMICA</b>
B <sub>1</sub>	Masculino	46	Licenciatura em Ciências Biológicas
B <sub>2</sub>	Masculino	25	Licenciatura em Ciências Biológicas/ Mestre em Saúde Pública
B <sub>3</sub>	Masculino	29	Licenciatura/Bacharelado em Ciências Biológicas
B <sub>4</sub>	Masculino	26	Licenciatura em Ciências Biológicas
B <sub>5</sub>	Masculino	25	Licenciatura em Ciências Biológicas
B <sub>6</sub>	Feminino	42	Licenciatura em Ciências Biológicas/ Mestre em ecologia
B <sub>7</sub>	Feminino	25	Licenciatura em Ciências Biológicas
B <sub>8</sub>	Feminino	35	Licenciatura em Ciências Biológicas/ Mestre em Biodiversidade
B <sub>9</sub>	Feminino	31	Licenciatura/ Bacharelado em Ciências Biológicas
B <sub>10</sub>	Feminino	29	Licenciatura em Ciências Biológicas

**Fonte: Elaborado pelo autor**

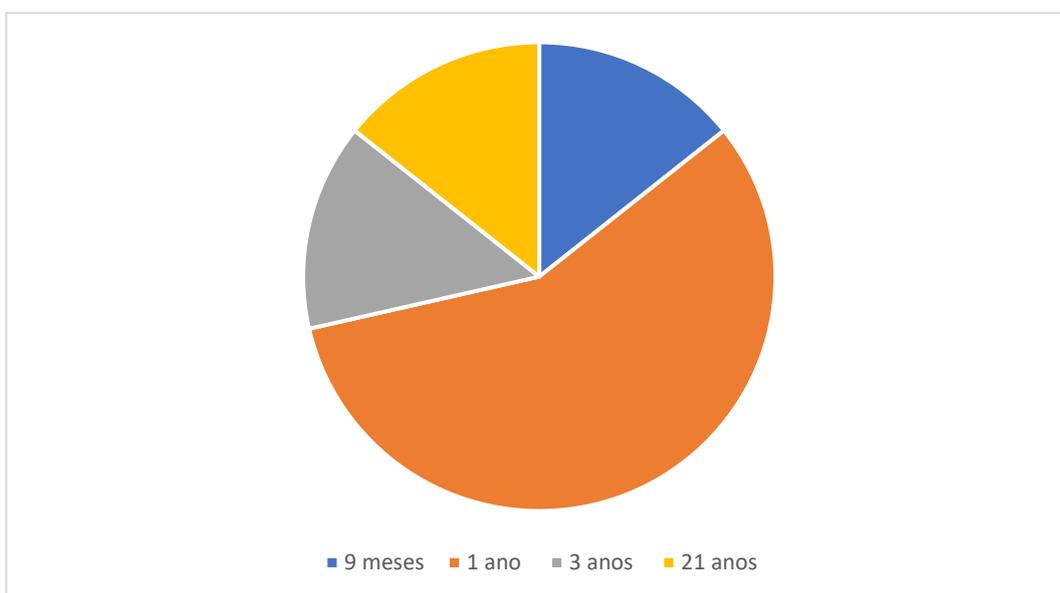
Em seguida, discutiremos a parte inicial do questionário no que se refere a escolha pela profissão docente e aspectos relacionados à participação no ensino

básico, tempo de atuação e nível de ensino (fundamental – anos iniciais ou anos finais e/ou ensino médio).

De acordo com as respostas dos professores (a), o motivo que os levou a tornar-se docentes, variam do desejo e sonho pela profissão e da oportunidade de contribuir socialmente através da educação para a vida dos estudantes (B<sub>1</sub>, B<sub>2</sub>, B<sub>4</sub>, B<sub>8</sub>, B<sub>9</sub>). Para o docente (B<sub>3</sub>), que teve sua formação inicial como bacharelado em Ciências Biológicas, a profissão surgiu como uma oportunidade de se manter próximo a sua família e permitir ministrar aulas com os conteúdos de Ciências e Biologia para diversas pessoas, em uma área que vive de comércio, e que talvez ele não fosse longe na profissão. Sendo assim, a escolha pela licenciatura é provocada por diversos motivos, e uma delas é o desejo de contribuir na formação discente e o amor a profissão.

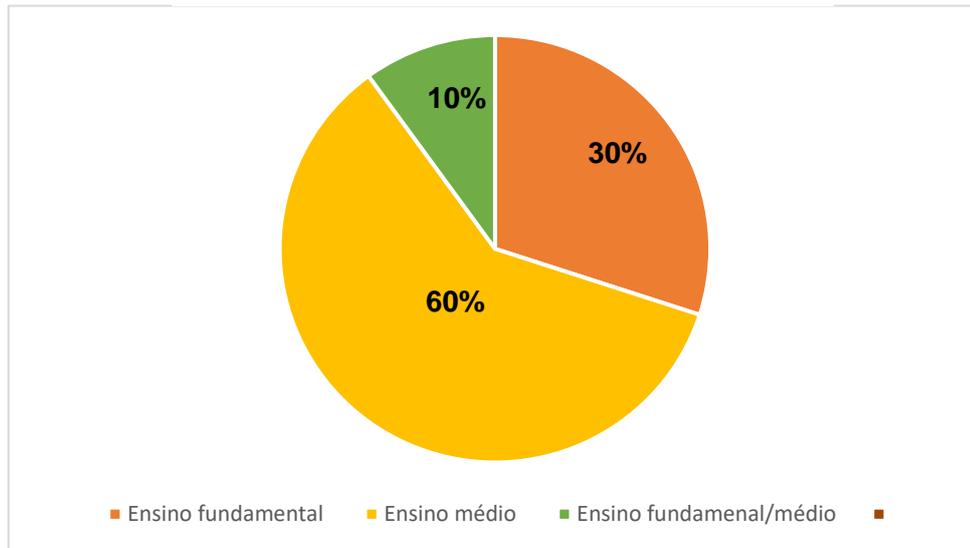
Além disso, a maioria dos professores são recentes em sala de aula, variando entre 9 meses a três anos, a grande maioria. Apenas uma docente atua há 21 anos como docente, conforme mostramos na figura 01.

**Figura 01: Tempo de atuação dos docentes**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

O maior tempo de atuação como educador (a) em sala de aula proporciona uma maior vivência e experiência no ensino. Entretanto, o tempo e a experiência muitas vezes não mudam as práticas de ensino que são utilizadas a anos.

**Figura 02: Atuação no ensino**

**Fonte: Elaborado pelo autor**

Cerca de (60%) dos professores atuam no ensino médio, (30%) no ensino fundamental, e apenas (10%) ensinam no ensino fundamental e ensino médio de Ciências e Biologia, de acordo com a figura 02.

## 4.2 AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM

### 4.2.1 O USO DA AVALIAÇÃO

Quando perguntados sobre já terem cursado a disciplina “avaliação da aprendizagem” ou outro tema semelhante em sua formação inicial, (60%) dos professores afirmaram não terem cursado a disciplina ou até mesmo pela falta de um profissional que ministrasse a disciplina. Os outros (40%) afirmaram ter cursado a disciplina ou disciplina semelhante.

A disciplina avaliação da aprendizagem é ofertada nos cursos de licenciatura com o objetivo de problematizar aspectos relativos à avaliação, as funções e as suas consequências na aprendizagem. Em algumas instituições a disciplina é ofertada de forma optativa, o que dificulta alcançar um número expressivo de discentes e conseqüentemente o seu entendimento é deixado de lado. A disciplina avaliação da aprendizagem necessita ser discutida e alertada para mudanças na postura dos novos docentes que entram na área da educação.

Quando solicitados a responderem sobre **“Qual o seu entendimento sobre avaliação”**, na visão dos entrevistados, o termo avaliação é apontado como algo amplo e contínuo de verificação da aprendizagem dos alunos, não ficando restritos a metodologias restritivas. Vejamos algumas das falas:

As avaliações são estratégias que permitem mensurar níveis de aprendizagem de forma quantitativa e qualitativa, que garantem a possibilidade de melhorar o processo de ensino aprendizagem (Professor B<sub>2</sub>).

A avaliação deve ser contínua, ou seja, avaliar não somente através de atividades/avaliações escritas, mas também com a participação como um todo (Professor B<sub>7</sub>).

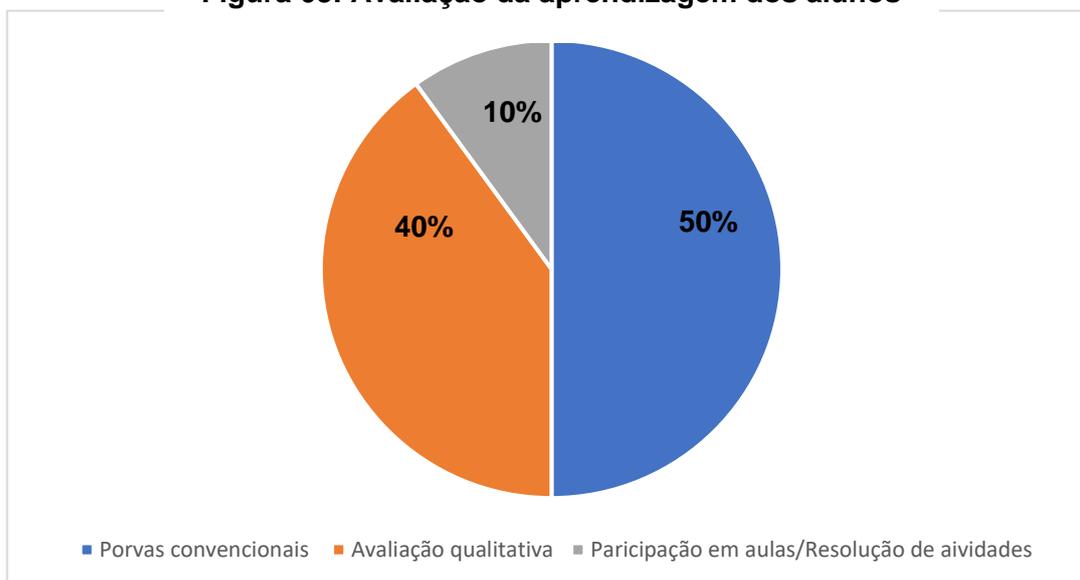
É neste momento que podemos averiguar o que os estudantes puderam entender sobre determinados assuntos abordados. A avaliação precisa ser diversificada mediante a diferença nos canais de aprendizagem dos estudantes (Professor B<sub>4</sub>).

Segundo Duarte (2015), a avaliação é instrumento fundamental para fornecer informações de como está sendo realizado o processo de ensino e aprendizagem, não devendo focalizar na figura do aluno, mas em todos os envolvidos. Essas definições mostram que o conceito de avaliação é visto de forma abrangente, no sentido de mudança, uma vez que avaliação era utilizada para medir o grau de saber do aluno, ela passa a estar a serviço do aluno.

Perguntados sobre **“Como você faz a avaliação da aprendizagem de seus alunos?”**, as formas de avaliar mais comuns são: provas convencionais, avaliação qualitativa, resolução de atividades e participação em sala de aula. Algumas das respostas foram:

A avaliação envolve o acompanhamento do estudante com a participação em sala, com resolução de atividades, debates, comportamento, além de avaliações semanais e bimestrais (Professor B<sub>3</sub>).

Faço avaliação contínua, onde utilizo de várias formas (qualitativa e quantitativa). Exemplo: provas objetivas e subjetivas, seminário, participação em aulas e atividades, interação na disciplina e etc. (Professora B<sub>8</sub>).

**Figura 03: Avaliação da aprendizagem dos alunos**

**Fonte: Elaborado pelo autor**

Com a análise dos dados, a utilização das provas convencionais (50%), continuam sendo uma das formas mais utilizadas para avaliar os alunos (figura 03), enquanto (40%) dos professores acreditam que avaliação qualitativa sirva como um bom método de avaliação. A resolução de atividades e a participação em sala de aula representaram (10%). O método de avaliar os alunos varia de acordo cada profissional. Observando as repostas, foi perceptível a utilização de uma avaliação contínua com diversos modos de avaliar os alunos para detectar as possíveis falhas no processo de aprendizagem.

A avaliação contínua é conceituada como um método pelo qual o aluno é avaliado por completo, devendo ocorrer durante todo o ano letivo sendo através de provas, testes, comportamentos e participações, tornando o processo de ensino e aprendizagem constante, dando oportunidade aos alunos de mostrarem os conhecimentos adquiridos e também concebendo novas chances de recuperação para aqueles alunos que não obtiveram resultados satisfatórios (PERALTA, 2010, p.6).

A avaliação qualitativa leva em consideração todo o percurso de ensino e aprendizagem, não apenas notas no final de cada unidade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), vem fazendo parte das mudanças nas escolas brasileiras nos últimos anos. Os critérios

sobre avaliação são contemplados na LDB, no Art. 24, inciso V, onde trata sobre a verificação do rendimento escolar:

**V** - a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

**a)** avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais (BRASIL, 1996, p.18).

Nesse sentido, a LDB afirma o compromisso a ser adotado nas escolas brasileiras com critérios novos no ato de avaliar a aprendizagem dos alunos. Os aspectos qualitativos ganham mais espaço e importância do que uma simples prova no final de cada semestre, a fim de classificar o aluno como “bom” ou “ruim” em sala de aula, desse modo abrangendo mais os aspectos de qualidade do que a quantidade dos processos de aprendizagem de cada aluno.

#### 4.2.2 DESENVOLVIMENTO DOS CONTEÚDOS

Para compreender os passos didáticos utilizados para ministrar os conteúdos de Ciências Biológicas e as ações utilizadas após a não compreensão dos conteúdos, solicitamos aos participantes uma descrição de suas ações durante o trabalho realizado em sala de aula: **“Descreva numa sequência de passos, no trabalho desenvolvido por você durante o trabalho pedagógico”**; e em seguida perguntamos: **“Há alguma ação realizada por você, quando após o resultado das avaliações percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo? Qual?”**. Essas informações foram necessárias para diagnosticar a prática utilizada em suas ações pedagógicas.

Em relação aos passos didáticos desenvolvidos pelos docentes para aplicação do conteúdo, os principais recursos didáticos citados foram: identificação das dificuldades, explicação dos conteúdos, atividades e avaliação. Alguns dos passos desenvolvidos para ministrar as aulas de Ciências e Biologia, respostas:

Explicação do assunto, abordagem para os alunos poderem comentar, atividade correção da atividade e dependendo do assunto podemos trabalhar seminários ou provas avaliativas

convencional. Caso o assunto seja fácil de trabalhar uma gincana de perguntar e brincadeira também posso fazer (Professora B<sub>6</sub>)

Inicialmente, tentar identificar as possíveis dificuldades que os alunos terão. Pensar em estratégias para passar as informações da forma mais clara possível, com o máximo de aprendizagem, identificar possíveis falhas no ensino e repetir os passos anteriores, se houver necessidade (Professor B<sub>3</sub>).

Analisar o perfil da turma - Elaborar os objetivos - Selecionar os conteúdos - Organizar a Metodologia- Aplicar a ação - Avaliar - Reorganizar os próximos passos a partir da avaliação (Professora B<sub>8</sub>).

O recurso didático é uma importante ferramenta a ser utilizado no ensino de Ciências e Biologia por se tratar de uma das áreas que possibilita abranger os conteúdos de diferentes formas.

No ensino de Ciências Biológicas são desenvolvidos conteúdos que abordam a natureza macroscópica e microscópica dos seres vivos e suas estruturas. A fim de auxiliar no processo de aprendizagem de ambas, tem-se como opção o uso de recursos didáticos que ampliam as estruturas e permitem seu tateamento, tais como modelos que buscam estimular a reflexão em torno da tridimensionalidade das estruturas, dos componentes, dos ciclos e afins, presentes no conteúdo das Ciências Biológicas (STELLA; MASSABNI, 2019, p. 358).

A professora B<sub>6</sub> cita que utiliza de gincanas e brincadeiras como forma de trabalho pedagógico. O uso de atividades lúdicas é fundamental e estrategicamente significativa para serem utilizadas em sala de aula, tornando a aquisição dos conteúdos mais apropriada, além de possibilitar uma nova experiência ao aluno (RUFINO, 2014).

Quando perguntados sobre **“Há alguma ação realizada por você, quando após o resultado das avaliações percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo? Qual?”**, algumas respostas dos professores foram:

Sim. Sempre após as avaliações temos um feedback com cada turma e na maioria das vezes os alunos percebem que errou alguma questão por não ter interpretado daquela forma por conta que não leu o enunciado de forma cautelosa e não interpretou direito o que a questão estava querendo (Professora B<sub>9</sub>).

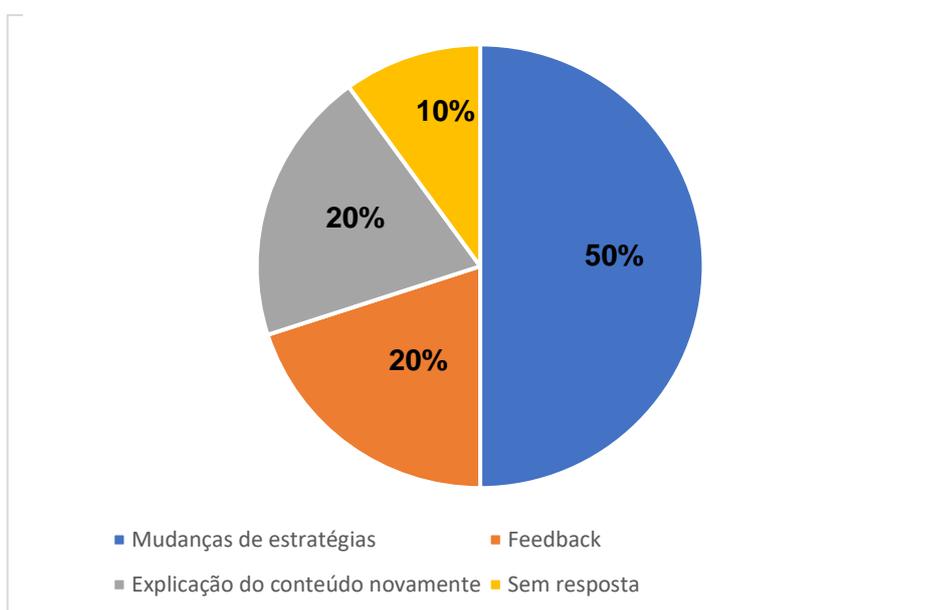
Eu como faço provinhas ao longo do bimestre, ao dar o feedback de cada atividade eu reexplico o conteúdo à medida que vou fazendo as correções. Infelizmente há uma grande quantidade de

famílias desestruturadas que não cobram a participação do filho nas atividades da escola, o que torna difícil esse processo de aprendizagem, muitos dos meus alunos possuem acessos básicos mas que dá para realizarem seus estudos, mas infelizmente a educação de forma histórica e social é visto como um desinvestimento e muitas das famílias das minhas escolas pensam desta forma, o que torna difícil a promoção dos alunos para o ano seguinte (Professor B<sub>4</sub>).

A mudança de estratégia pedagógica, se não deu certo com um método, busco outro que torne o conteúdo mais simplificado (Professora B<sub>7</sub>).

Ao analisar as repostas dos professores sobre as suas ações quando percebem que os alunos não aprenderam o conteúdo, (50%) afirmam mudar as estratégias de ensino, (20%) utilizam do “feedback” e outros (20%) dos professores dizem que explicam novamente o conteúdo como forma de reexplicar o conteúdo não entendido e dá uma resposta mais rápida aos alunos (figura 04). Apenas um professor afirmou não ter encontrado tempo de aplicar esse tipo de ação, devido a pandemia.

**Figura 04: Ação realizada após o não entendimento do conteúdo pelos alunos**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

A utilização de “feedback” foi outra ação utilizada frequentemente pelos professores em sala de aula. Para Daros e Prado (2015), as instituições de ensino devem apoiar e incentivar o uso de “feedback” como um instrumento docente de organização, evolução e transformação tanto docente como dos e discentes. O uso

do “feedback” proporciona uma resposta mais rápida ao aluno sobre seus avanços e dificuldades. Possa ser que exista um equívoco por parte dos professores quando afirmam que explicam os conteúdos novamente.

Se o professor repete o que já foi feito ou se procura uma maneira de fazer com que os alunos aprendam através de uma proposta de atividade mais atraente. Além disso, deve-se observar se após essa “nova explicação” existe uma avaliação ou se ela é apenas uma formalidade sem sentido (DUARTE, 2015, p. 63).

Apenas explicar novamente o conteúdo não garante uma aprendizagem efetiva, mas a utilização de novas estratégias e instrumentos avaliativos diversificados podem ser utilizados como ações que melhorem a aprendizagem.

A fala do professor (B<sub>4</sub>) destaca a falta de estruturação e participação das famílias em acompanhar e incentivar a rotina de estudos dos seus filhos nas atividades escolares, o que impacta de forma negativa a sua promoção no ano seguinte. Segundo Matos et al (2018), alguns profissionais da educação possuem uma visão estereotipada sobre família, pois possuem uma ideia de família nuclear como ideal e as demais desestruturadas, apesar de atuarem em escolas periféricas, parecem não compreender o fenômeno da pobreza que influencia negativamente as famílias e conseqüentemente resulta em menores oportunidades de aprendizagem e autoestima dos estudantes.

#### 4.3 O USO DE INSTRUMENTOS AVALIATIVOS

Em busca de melhor compreender o uso diversificado dos instrumentos avaliativos utilizados pelos professores, foi elaborada a seguinte pergunta **“Quais são os instrumentos de avaliação que você conhece? E quais os mais utilizados em sua prática pedagógica? Por quê?”**. Os instrumentos mais citados foram: provas, atividades individuais/grupos e seminários.

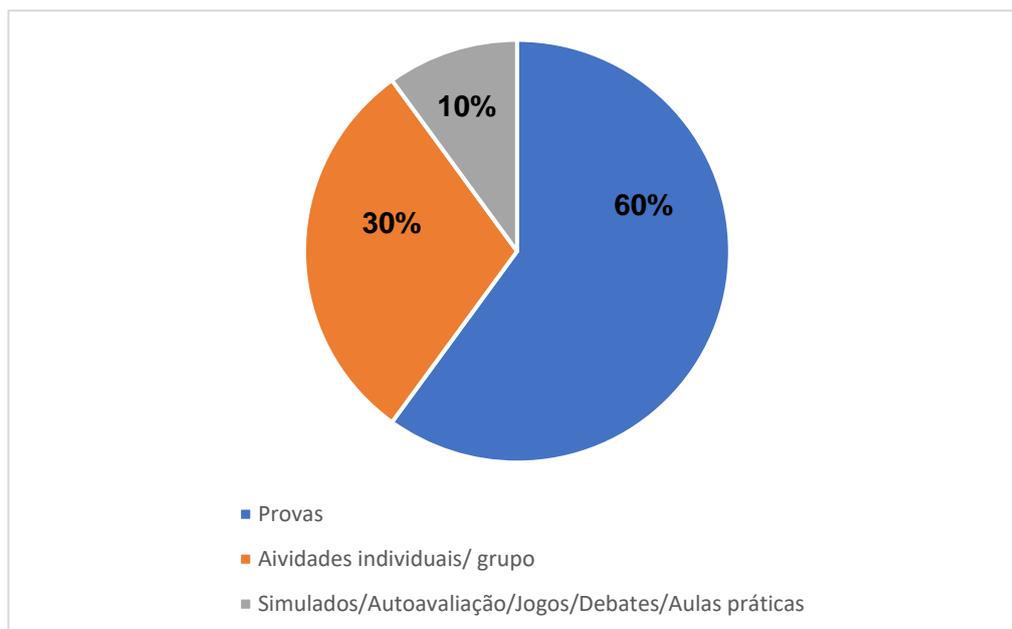
Existem vários. Debates, aulas práticas, provas, seminários, resolução de problemas, simulados, projetos, etc. Porém, os instrumentos de avaliação que mais utilizo são: Debates, discussões, aulas práticas, resolução de problemas e seminários. Utilizo mais esses instrumentos, pois consigo obter uma participação ativa e construtiva dos alunos (Professora B<sub>10</sub>)

Atividades em grupo, atividades interdisciplinares, atividade individual e também avaliação escrita. Sempre busco mesclar o

método avaliativo, para que os alunos estejam sempre interagindo entre si e participando das aulas (Professora B<sub>7</sub>).

Autoavaliação, atividades objetivas e subjetivas de verificação da aprendizagem. Utilizo todas anteriormente citadas (Professor B<sub>5</sub>).

**Figura 05: Instrumentos avaliativos conhecidos pelos professores (a) e mais utilizados na prática pedagógica**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Analisando as respostas, observamos um conhecimento e utilização razoável por parte dos professores acerca dos instrumentos avaliativos. A utilização das provas, método mais citado (60%), é um dos instrumentos mais utilizados no ensino básico que causa pânico e receio por parte dos alunos (Figura 05). Ainda segundo Camargo (2010), a utilização da prova como instrumento formativo, onde o professor tem os objetivos de forma clara do direcionamento do seu trabalho, sem querer apenas atribuir notas, as provas podem ser muito bem aproveitadas para avaliar os alunos. Segundo a mesma autora, a utilização da autoavaliação, realizada dentro da escola, é a apreciação feita pelo próprio aluno, dos seus resultados alcançados, desse modo ao ato de se avaliar cria uma noção de responsabilidade e atitude crítica, assumindo responsabilidades pelos seus atos.

O uso de seminários, atividades em grupo e individuais representaram (30%) de utilização pelos professores, as aulas práticas, os jogos, os debates e autoavaliação representaram (10%) do total de citação. Esses instrumentos são

alternativas que diversificam as formas avaliativas e aproximam os conteúdos dos alunos de forma dinâmica e atrativa.

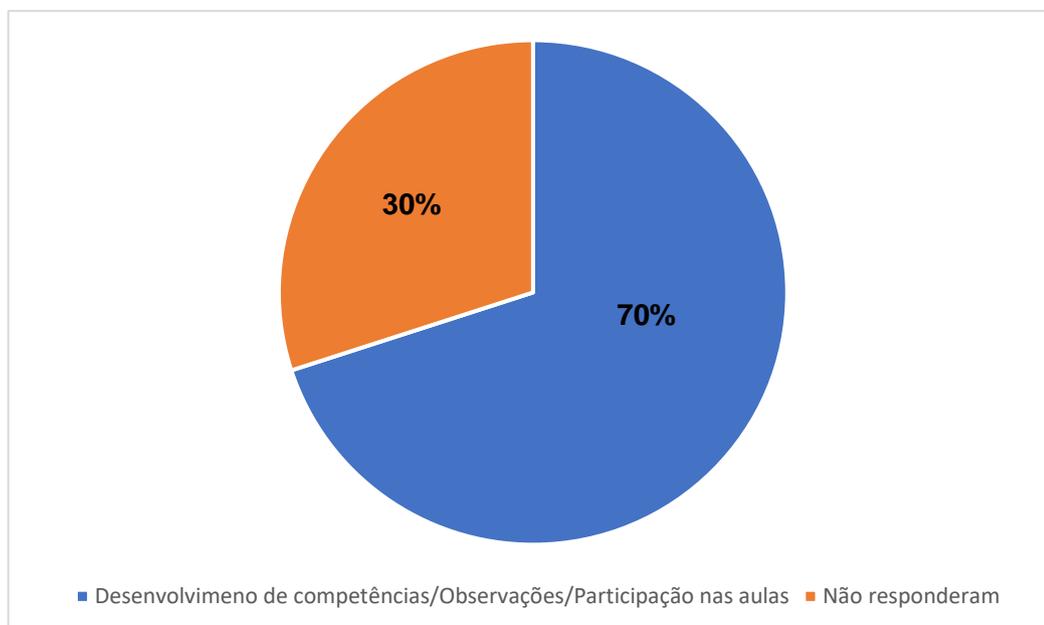
Quando questionados sobre **“Você poderia destacar os seus objetivos utilizando estes tipos de instrumentos? Esses objetivos são alcançados no final do processo? Explique”**, algumas das argumentações dos professores foram:

Verificar os resultados obtidos pelos alunos no desenvolvimento de competências propostas para traçar objetivos de aprendizagem significativa que possam ser alcançados de acordo com a realidade dos estudantes. Normalmente esses objetivos são alcançados (Professor B<sub>2</sub>).

Como a minha demanda é alta tenho 14 turmas com média de 40, tento chegar mais próximo de observar se eles aprenderam. Há turmas que de fato o aprendizado é excelente a outras que fica desejar (Professora B<sub>6</sub>)

O principal objetivo é o retorno que os alunos dão, através da aprendizagem. A maioria dos estudantes atingem os objetivos ao final do processo (Professora B<sub>7</sub>).

**Figura 06: Objetivos utilizando os instrumentos avaliativos**



**Fonte: Elaborado pelo autor**

Analisando as respostas dos professores, os objetivos são verificados com base em análises de competências, observações e através da participação dos alunos (B<sub>2</sub>, B<sub>5</sub>, B<sub>6</sub>, B<sub>7</sub>, B<sub>8</sub>, B<sub>9</sub> e B<sub>10</sub>). Os professores (B<sub>2</sub>, B<sub>3</sub> e B<sub>4</sub>) não responderam à

pergunta (figura 06). O professor (B<sub>3</sub>), devido à pandemia e ser o seu primeiro ano como docente, não pode responder se os objetivos serão alcançados. O objetivo de garantir o máximo de aprendizagem dos alunos deve ser feita desde o início do ano letivo com avaliações que sejam diagnósticas e formativas durante todo o ano, e que os instrumentos avaliativos (provas, seminários e atividades) sejam pensados e adequados aos diversos alunos para uma determinada situação, mas não deve ser aplicada todas as vezes como forma de diagnosticar a aprendizagem dos alunos. As atividades avaliativas devem ser pensadas com um objetivo a ser alcançado, por isso existe a necessidade de diversificar os instrumentos avaliativos para atender o máximo de alunos na escola.

Sobre a última pergunta do questionário ***“Que procedimentos adotar para que se tenha instrumentos avaliativos mais adequados a alunos da educação básica, e que contribuam com o processo de aprendizagem dos alunos?”***.

Algumas das respostas foram:

Precisamos entender a aprendizagem não pode ser apenas quantitativa e visualizar apenas números que os alunos possam obter numa prova. A avaliação tem que extrair do estudante o que ele tem de melhor, e cada aluno pode ter uma forma diferente de aprender. Dessa forma, os instrumentos de avaliação precisam ser variados, estimular a criatividade e a capacidade de resolver problemas reais que se enquadrem no contexto de vida do estudante (Professor B<sub>2</sub>).

Tentar trazer o conteúdo para próximo dos estudantes, relacionando com o cotidiano e as vivências de cada um. Identificando as dificuldades que cada discente possa ter e adequar o ensino para que as dificuldades que possam existir na relação entre aluno e professor sejam minimizadas (Professor B<sub>3</sub>)

Um método interessante seria diminuir os alunos por sala, assim facilitaria a aprendizagem porque nós professores poderíamos passar a perceber os problemas, porque eu digo isso porque na demanda atual o professor consegue saber nem o nome do aluno, imagina se esse tem problema de aprendizagem. Hoje nós temos 3 aulas por semana que dependendo do horário do dia essa aula de 45 min cai para 30 e com turmas de 40 alunos o professor tendo que adotar 20 aulas demais isso dá 7 turmas por semana, então aquele aluno mais próximo que fala ou chama atenção de alguma forma o professor percebe, os demais é complicado. Por isso eu repito o método mais importante seria menos alunos ou menos turmas (Professora B<sub>6</sub>).

Pensar no perfil dos alunos, entender seus anseios e adequar as metodologias de acordo com seus alunos e contexto (Professora B<sub>8</sub>).

De acordo com os resultados das respostas, existe um grande desafio e vontade para adequar os instrumentos avaliativos no ensino básico, seja conhecer melhor a realidade dos estudantes para aproximar o conteúdo de sua realidade, além de diversificar cada vez mais os instrumentos avaliativos. A professora B<sub>6</sub>, volta novamente na questão do número excessivo de alunos em sala de aula, e que a sua diminuição facilitaria a aprendizagem e o diagnóstico dos alunos.

As situações geradoras de satisfação acontecem quando: os alunos têm êxito no aprendizado, quando tem apoio e interação com os demais colegas, tem boa sala de aula e outro fator também apontado é quando tem condições de ajudar a um aluno a resolver um problema de aprendizagem (PINTOCO, 2017, p.104).

Nesse sentido, o professor deve planejar e adequar os instrumentos avaliativos para acompanhar todo o processo de ensino e aprendizagem. Esses instrumentos devem ser compatíveis com os objetivos do planejamento para que o docente possa colher as melhores informações sobre o estado dos seus alunos (FREITAS e CARVALHO, 2015). É a partir de uma avaliação diagnóstica e formativa, que podemos desenvolver as potencialidades dos alunos e gerar satisfações recíprocas entre professores e alunos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conclusão dessa pesquisa nos ajudou a refletir sobre avaliação e as suas práticas utilizadas pelos docentes no ambiente escolar. A prática avaliativa não deve ser pensada de forma igual para todos, mas de forma diversificada que todos os alunos possam ser diagnosticados de maneira a expressarem as suas aprendizagens. O professor em sala de aula deve experimentar e utilizar de métodos que favoreçam alcançar os seus objetivos do ensino.

A análise do questionário nos mostrou que muitos professores (a) são jovens na docência e utilizam de métodos tradicionais com frequência para avaliar os seus alunos, ficando restritos a poucas práticas avaliativas em sala de aula, ou seja, um discurso diferente da prática. O uso de provas, seminários, atividades individuais foram citadas como principais formas de avaliar os seus alunos, no entanto, uma boa parte dos professores reconhecem e utilizam outras formas de avaliar as aprendizagens dos seus alunos como a autoavaliação, feedback, o uso de jogos e gincanas. A avaliação qualitativa muito citada entre os professores (a) é uma das melhores alternativas de pensar e mudar a visão tradicional da avaliação, além de estar citada na LDB como prática a ser seguida entre os profissionais da educação.

Para que esses instrumentos avaliativos sejam diversificados e efetivados dentro da escola é necessária uma mudança de postura, aceitação e compromisso de mudanças por parte dos professores. Essa mudança permite uma outra visão de enxergar a avaliação e potencializar as aprendizagens dos alunos. As avaliações diagnósticas e formativas são alternativas de se trabalhar em sala de aula, acompanhando de perto todo o percurso do aluno.

No decorrer da pesquisa, percebemos que os professores (a) entravam em divergência, quanto ao uso de instrumentos avaliativos serem elaborados para atingir determinados objetivos e o tipo de intervenção que deveria ser realizada após o não entendimento do conteúdo por parte dos alunos. Portanto, essas implicações mostrou uma certa preocupação em relação aos professores, uma vez que devem repensar continuamente as suas práticas para cada ação que realiza, especialmente as suas práticas avaliativas. Os instrumentos avaliativos não devem ser aplicados sem um objetivo e planejamento a ser atingido, como também explicar novamente os conteúdos não garantem uma aprendizagem significativa.

Dessa forma, podemos concluir que as concepções dos professores (a) analisados, é a frequente utilização de práticas tradicionais de ensino, porém muitos

dos professores (a) citam utilizar um razoável número de instrumentos para avaliar os seus alunos, além de perceberem que é necessário mudanças para que tenha mais a utilização de instrumentos avaliativos. Sendo assim, os professores devem refletir as suas práticas em sala de aula, além de buscarem aplicar e diversificar os instrumentos avaliativos para melhor extrair a aprendizagem dos seus alunos.

Por fim, terminamos esse trabalho com uma visão positiva de mudanças e melhorias na educação dos jovens estudantes, se fazendo necessário mudanças na visão dos professores sobre a utilização das práticas avaliativas em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Gislaine Aparecida Rolim Loenert. **Ambiente escolar: espaços de aprendizagem significativa para todos, docentes e alunos, numa perspectiva interativa.** Monografia. Universidade de Brasília. Curso de especialização em desenvolvimento humano, educação e inclusão. 2011, p. 56.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 126.

BRASIL. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional.** – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. p. 58. Conteúdo: Leis de diretrizes e bases da educação nacional – Lei no 9.394/1996 – Lei no 4.024/1961.

BATISTA, David Espinola. **Análise da prática docente de biologia frente aos instrumentos e limitações da avaliação da aprendizagem.** Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Graduação em ciências biológicas, 2017.

BORBA, Juliana Bono. Uma breve retrospectiva do ensino de biologia no Brasil. Monografia. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialista na Pós Graduação em educação, 2013.

CALDEIRA, Ana Maria de Andrade; KRASILCHIK, Myriam. XIV. Biologia - ensino prático. In: CALDEIRA, Ana Maria de Andrade; ARAUJO, Elaine S. Nicolini Nabuco de. (Orgs.). **Introdução à Didática da Biologia.** São Paulo, Escrituras, 2009, 249 – 258.

CAMARGO, Wanessa Fedrigo. Avaliação da aprendizagem no ensino fundamental. Monografia. Universidade Estadual de Londrina. Graduação em pedagogia. 2010.

COSTA, Otilia Maria dos Santos; BARRETO, Sônia Maria Costa. **Avaliação escolar e sua significação no processo educativo na primeira fase do ensino fundamental.** In: Congresso Ibero-Americano de política e administração da educação, 4., 2014, porto. Disponível: [https://anpae.org.br/IBERO\\_AMERICANO\\_IV/GT1/GT1\\_Comunicacao/OtiliaMariadosSantosCosta\\_GT1\\_integral.pdf](https://anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT1/GT1_Comunicacao/OtiliaMariadosSantosCosta_GT1_integral.pdf). Acessado em: 5 de out. 2020.

COSTA, Marco o Antônio F; COSTA, Maria de Fatima Barrozo. **Projeto de Pesquisa: entenda e faça.** 2 ed. — Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

DAROS, Fernanda Andrade Galliano; PRADO, Maria Rosa Machado. **Feedback no processo de avaliação da aprendizagem no ensino superior.** Educere, XIII Congresso Nacional de Educação. 2015, p. 10287 – 10295.

DILL, Eugenio Ricardo; KLEIN, Leal Carine; MORESCO, Terimar Ruoso. **A importância do uso de instrumentos de avaliação na prática pedagógica escolar.** XV Seminário Internacional de Educação no Mercosul. 2013.

DUARTE, C.E.L. **Avaliação da aprendizagem escolar: como os professores estão praticando a avaliação na escola.** HOLOS, Ano 31, Vol. 8., 2015. 53 – 67p.

DURÉ, Ravi Cajú; ANDRADE, Maria José Dias; Abílio, Francisco José Pegado. ensino de biologia e contextualização do conteúdo: quais temas o aluno de ensino médio relaciona com o seu cotidiano? *Experiências em Ensino de Ciências* V.13, N.1, 2018, p. 259 – 272.

FALEIROS, Fabiana; KÄPPLER, Christoph; PONTES, Fernando Augusto Ramos; SILVA, Simone Souza Costa; GOES, Fernanda Santos Nogueira; Cucick, Cibele Dias. **Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos.** 25(4): 2016, p. 6.

FREITAS, Hélia Luzia; CARVALHO, Nilda Maria. **Diversificação, validade e utilização dos resultados dos instrumentos avaliativos - um estudo feito com professores da rede municipal.** XII Semana de Licenciatura. III Seminário de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática. Jataí, GO – 13 a 16 de outubro de 2015, p. 12 – 20.

HAYDT, Regina Cazaux. **Avaliação do processo ensino-aprendizagem.** São Paulo: Editora Ática, 1988. 10p.

JUNIOR, Arildo Nerys Silva; BARBOSA, Jane Rangel Alves. **Repesando o ensino de Ciências e de biologia na educação básica: o caminho para a construção do conhecimento científico e biotecnológico.** Democratizar, v. 3, n. 1, jan- abr. 2009.

LEITE, Paula Rayanny Mendonça; ANDRADE, Aldair Oliveira; SILVA, Viviane Vidal; SANTOS, Andreza Marcião. **O ensino de biologia como uma ferramenta social, crítica e educacional.** RECH- Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. Ano 1, v. 1, n. 1, jul-dez, 2017, p. 400-413.

LEMOS, Pablo Santana; SÁ, Luciana Passos. **A avaliação da aprendizagem na concepção de professores de química do ensino médio.** Revista Ensaio Belo Horizonte. v.15. n. 03.2013, p. 53-71.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico.** São Paulo. Ed. 1. São Paulo, Cortez, 2011, p. 299 – 304.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudos e proposições** -17 ed.-São Paulo: Cortez, 2005.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar.** 7 ed. São Paulo: Cortez, 1998. 33p.

MATOS, Larissa Araújo; CRUZ, Edson Junior Silva; SANTOS, Thamyris Maués; SILVA, Simone Souza. **Resiliência familiar: o olhar de professores sobre famílias pobres.** Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 22, Número 3,2018, p. 493-501.

MATOS, Maria São Pedro Barreto; FARIA, Taciana Lisboa; SANTOS, Ilvanir Hora; OLIVEIRA, Maraísa Santos; HIGUCHI, Patricia Caroline Fiorante. **Reflexões sobre**

**avaliação escolar e seus instrumentos avaliativos.** XI Congresso Nacional de Educação, EDUCARE. 2013, p. 2353 – 2366.

MIGUEL, Kassiana; TOBALDINI, Barbara Grace; FERRAZ, Daniela Frigo; JUSTINA, Lourdes Aparecida Della. **Avaliação educacional e o ensino de biologia: uma análise dos instrumentos avaliativos de estagiários na disciplina de biologia no ensino médio.**

X Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – X ENPEC Águas de Lindóia, SP - 24 a 27 de nov. de 2015, p.8.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Recife: Bagaço, 2005.

PERAZZO, Giselle Xavier. **O ensino crítico e investigativo da Biologia.** Revista Didática Sistemática, v. 2, Trimestre: Jan-mar.2006, p. 45.

PERALTA, Bruna Manjão; MARTINS, Vanderleia; SANTOS, Suzana Thomasi Silva; SILVA, Jessica Neves Santos. **A avaliação no processo ensino e aprendizagem no século XXI.** 2010.

PIMENTA, Sônia Almeida; CARVALHO, Ana Beatriz Gomes. **Didática e o ensino de geografia.** Campina Grande: EDUEP, 2008. Disponível: [http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia\\_PAR\\_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica\\_Ensino\\_Geografia/Di\\_En\\_Geo\\_A01\\_MVJZ\\_GR\\_291208.pdf](http://www.ead.uepb.edu.br/arquivos/cursos/Geografia_PAR_UAB/Fasciculos%20-%20Material/Didatica_Ensino_Geografia/Di_En_Geo_A01_MVJZ_GR_291208.pdf). Acessado em: 5 de out. 2020.

PINTOCO, Vanessa Moreira. **Visão do professor sobre o NÚMERO DE ALUNOS POR TURMA: uma contribuição para a melhoria da qualidade da educação.** Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, 2017.

PONTES, Jocineuda Sousa. **Concepções e práticas de avaliação dos professores da escola municipal de ensino fundamental Alexandre Diniz da Penha/Damião – PB.** Monografia. Universidade Federal da Paraíba. Graduação em Física. 2012.

PRODANOV, Cleber Cristiano; Freitas Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico.** 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013, p. 276.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica: desafios e perspectivas.** São Paulo. Cortez, 1998. 136p.

ROCHA, Cleide Ribeiro Gonçalves. **Artigo científico tema: avaliação – processo em construção.** Londrina: UEL, Projeto – Programa de desenvolvimento educacional – PDE. Universidade Estadual de Londrina, 2009, p.24.

RUFINO, Terezinha Clementino Silva. **O lúdico na sala de aula em séries iniciais do ensino fundamental.** Monografia. Universidade Estadual da Paraíba. Obtenção de especialização em fundamentos da educação. 2014.

RUSSELL, Michael K; AIRASIAN, Peter W. **Avaliação em sala de aula: conceitos e aplicações.** A abrangência da avaliação em sala de aula. 7 ed. Porto Alegre: AMGH, 2014.

SANTOS, Jussara Gabriel. **História da avaliação: Do exame à avaliação diagnóstica.** Universidade Federal de Uberlândia. 4º Semana do Servido e 5ª Semana Acadêmica. 2008, 7p.

SILVA, Sandro Araújo. **Avaliação: construção ou julgamento no cotidiano escolar?** Trabalho de conclusão de curso para a obtenção de título de licenciada em física, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Liara Maria; BEZERRA, Maria Lusia Moraes. **Instrumentos de biologia: identificação, reflexão e ações do PIBID.** I Congresso de Inovação Pedagógica em Arapiraca e VII Seminário de estágio, 2015, p.1 – 15.

SOUZA, Jane Aparecida Gonçalves. **Práticas avaliativas: reflexões.** 2010. Disponível em: <https://www.ufjf.br/virtu/files/2010/04/artigo-2a17.pdf>. Acesso em: 4 de out. 2020.

STELLA, Larissa Ferreira; MASSABNI, Vânia Galindo. **Ensino de Ciências Biológicas: materiais didáticos para alunos com necessidades educativas especiais.** Ciênc. Educ., Bauru, v. 25, n. 2, 2019, p. 353-374.

VASCONCELLOS, Celso Santos. **Concepção Dialética-Libertadora do processo de Avaliação Escolar.** 18 ed. São Paulo, Libertad, 2008.

VITO, Daniela Ziolli; SZEZERBatz, Rosemari Pedroso. **A avaliação no ensino superior: a importância da diversificação dos instrumentos no processo avaliativo.** EDUCERE - Revista da Educação, Umuarama, v. 17, n. 2, jul./dez. 2017, p. 221-236.

**APÊNDICE A – Questionário**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**

**QUESTIONÁRIO**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

1. Qual a sua formação (explícite o curso de graduação; especialização (se tiver); mestrado (se tiver) e doutorado (se tiver)?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

2. Por que você se tornou professor(a)?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

3. Detalhe sobre sua atuação na educação básica, o tempo de atuação, nível de ensino (fundamental – anos iniciais ou anos finais e/ou ensino médio), dentre outros aspectos que considerar importante.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

4. Em sua formação inicial você cursou a disciplina "avaliação da aprendizagem", ou outra que trate do tema?

\_\_\_\_\_

5. Qual o seu entendimento sobre avaliação?

---

---

---

6. Como você faz a avaliação da aprendizagem de seus alunos?

---

---

---

7. Quais são os instrumentos de avaliação que você conhece? E quais os mais utilizados em sua prática pedagógica? Por quê?

---

---

---

8. Você poderia destacar os seus objetivos utilizando estes tipos de instrumentos? Esses objetivos são alcançados no final do processo? Explique.

---

---

---

9. Há alguma ação realizada por você, quando após o resultado das avaliações percebe que a maioria de seus alunos não aprendeu algum conteúdo? Qual?

---

---

---

10. Descreva numa sequência de passos, o trabalho desenvolvido por você durante o trabalho pedagógico.

---

---

---

11. Que procedimentos adotar para que se tenha instrumentos avaliativos mais adequados a alunos da educação básica, e que contribuam com o processo de aprendizagem dos alunos?

---

---

---